

AS CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO: UM DISCURSO LITERÁRIO A SERVIÇO DO HUMOR E DO APRENDIZADO DE LÍNGUA MATERNA

Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira¹

RESUMO: Este estudo tem como finalidade apontar o uso do gênero textual crônica como forma de estratégia facilitadora do ensino e estimuladora do aprendizado de língua materna. Portanto, tem a intenção de apresentar algumas características desse gênero que são responsáveis por poder facilitar esse aprendizado. Entre elas, está a possibilidade de interação, diálogo e prazer proporcionados pela leitura de um texto portador de linguagem mais descontraída, podendo ser constituído de ironia e de humor relacionados aos fatos narrados, por meio de construção linguística com esse objetivo. Como fundamento para as sucintas análises que são feitas, é utilizada, entre outras, a obra do filósofo Bakhtin, intitulada *Estética da criação verbal*, bem como é utilizado, como exemplo de crônica favorável para esses fins, o trabalho empreendido por João Ubaldo Ribeiro dentro desse gênero.

Palavras-chave: ensino, língua materna, crônica de João Ubaldo Ribeiro.

THE CHRONICLES OF JOÃO UBALDO RIBEIRO: A LITERARY SPEECH IN THE SERVICE OF HUMOR AND MOTHER TONGUE LEARNING

ABSTRACT: This study aims to point out the use of the chronic textual genre as a form of strategy that facilitates teaching and stimulates the learning of the mother tongue. Therefore, it intends to present some characteristics of this genre that are responsible for facilitating this learning. Among them is the possibility of interaction, dialogue, and pleasure provided by the reading of a language that is more relaxed language, and can be made up of irony and humor related to the facts narrated, through linguistic construction with this objective. As a basis for the succinct analyzes that are made, it is used, among others, the work of the philosopher Bakhtin, entitled *Aesthetics of verbal creation*, as well as an example of a favorable chronicle for these purposes, the work that was undertaken by João Ubaldo Ribeiro within this genus.

Keywords: teaching, mother tongue, chronic of João Ubaldo Ribeiro.

INTRODUÇÃO

Por que o aprendizado de língua materna não pode ser prazeroso? Por que não conseguimos transformar o que deveria ser natural em prazer? Uma das hipóteses é que, no

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

caso da língua portuguesa, entre outros motivos propulsores, figuram os tabus e os mitos que foram sendo construídos ao longo dos tempos.

É muito comum ouvirmos das pessoas comentários desfavoráveis em relação à língua portuguesa, ao seu ensino e ao seu aprendizado. Os falantes nativos dessa língua, principalmente, já estão acostumados a se depararem com situações que os conduzem a tais preconceitos em torno dela.

É corriqueiro, por exemplo, escutarmos frases como “o português é uma língua muito difícil”, “não consigo estudar português, porque é mais complicado do que outras línguas”, “o português da escola é mais complexo” e assim por diante.

A criança já cresce aprendendo a estigmatizar a sua língua e isso pode acontecer desde o convívio no ambiente familiar. Contudo, a escola – é comum encontrarmos exemplos disto – é o principal reduto de iniciação e propagação do sentimento de dificuldade, de medo e até mesmo de repulsa pela língua. As práticas tradicionais de ensino são as mais culpabilizadas por isso, pois empregam o ensino voltado, muitas vezes, somente para a apropriação das normas linguísticas sem o real sentido do seu uso, nas mais variadas situações de comunicação.

A criança, ao começar a estudar a língua na escola, passa a ter um estranhamento em relação à mesma, pois não a reconhece como sendo aquela com a qual teve contato até então. A aprendizagem mecanizada e, depois, a leitura automática favorecem essa percepção.

A par de tal fato, devemos saber, principalmente nós, profissionais das Letras, que o ensino e o aprendizado de língua devem ser pautados, sobretudo, na finalidade de levar o discente a ter cada vez mais capacidade de se comunicar em qualquer situação de uso da língua em sua vida, não nos esquecendo do manancial de aprendizado que ele já traz para escola e que não pode ser desconsiderado, inclusive, o conhecimento linguístico já existente. Devemos levar em conta que a criança, ao chegar à escola, já consegue significar o seu entorno, a partir das experiências vivenciadas e ensinar a palavra com tais significados torna o aprendizado mais prazeroso.

Portanto, o ensino não deve existir apenas pelo ensino, com a finalidade nele mesmo, mas, sim, com o objetivo de munir o aluno da capacidade de utilizar com maior facilidade e sentido esse instrumento chamado língua, com o qual ele tem contato desde idade bem tenra. A escola precisa, na verdade, fazer esse indivíduo, que já é falante da língua, dominar a leitura, a escrita e a lapidar, também, o uso oral. Contudo, essas finalidades do ensino de língua materna nem sempre ficam bem claras para os partícipes dessa prática docente. Nem sempre está claro o que se deve ensinar e como se deve ensinar. São diversos os motivos para essa confusão.

Entre tais motivos, estão os vários enfoques dados ao ensino da língua, dependendo do objeto de estudo ou dos objetivos que cada um diz ter. Pode ser, por exemplo, somente o ensino da gramática.

Assim, dependendo dos objetos ou objetivos traçados para o ensino do português, poderá haver uma prática distinta. Contudo, as práticas de ensino da língua materna também resultam das condições ou das não condições proporcionadas ao professor de tal exercício.

Muito se tem discutido sobre o assunto e muitas são as tentativas e os estudos voltados para tentar minimizar o *continuum* de insatisfação e de consequente dificuldade em se apropriar e dominar a língua materna.

No meio de tantas investidas, está o que os próprios PCN preconizam, que é o uso de textos para o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa. E é nesse contexto de utilização de textos, e principalmente dos literários, que este artigo se insere.

Pretendemos demonstrar que é possível aprender a língua materna por meio do prazer, pois, a nosso ver, o prazer quase sempre é uma alavanca para facilitar qualquer aprendizado. O deleite a partir da leitura e do trabalho com o texto literário, por exemplo, pode favorecer, conforme nossas convicções, a assimilação de fatos da língua, sem que isso seja uma tarefa enfadonha. Desse modo, o aluno dispõe de mais esse meio para se apropriar de recursos da língua, do modo como usá-los e de como torná-los úteis na comunicação em sua vida.

Essa apropriação poderá acontecer naturalmente, através da leitura de tais textos, de sua interpretação e de todo o trabalho realizado sobre eles, levando-se em consideração a característica de prazer que são capazes de suscitar.

Entendemos que o humor é um dos expedientes de um texto que tem a capacidade de levar também ao prazer. Diante de tal fato, sabendo que os textos do gênero crônica podem apresentar o humor, pensamos em analisar uma crônica, no sentido de demonstrar as possibilidades de seu uso para propiciar o ensino-aprendizagem de língua materna com mais prazer, mais significado e mais interesse.

Sendo assim, ponderamos, inicialmente, sobre a possível interação possibilitada pelo prazer obtido através do uso de crônicas, nas aulas de língua portuguesa.

As crônicas como instrumento de prazer

Os recursos linguísticos utilizados pelo autor, ao produzir o texto, também podem ser desencadeadores do prazer suscitado no leitor. Esses recursos podem levar o leitor ao riso e, em

consequência, ao prazer proporcionado pelo riso dentro do determinado contexto social em que o leitor está inserido, porque, segundo Bergson (1980), o riso é social e só existe dentro de um determinado contexto de uma sociedade.²

A crônica, a nosso ver, constitui um gênero textual que pode levar ao riso e isso decorre de uma de suas possíveis características, que é, justamente, a presença de humor e do tom irônico sobre os fatos que são narrados.

Sobre os gêneros, muito se tem estudado e uma das conclusões a que se chegou é a de que, às vezes, é difícil delimitar a que gênero pertence um texto. Contudo, segundo premissas, também do estudioso Bakhtin, os gêneros sendo relativamente estáveis, têm algumas marcas particulares em sua forma e conteúdo, sendo assim passíveis de serem reconhecidos.

Apesar de um enunciado ter também a marca de individualidade apontada anteriormente, conforme o estudioso russo, a língua, ou cada esfera de sua utilização elabora os tais gêneros do discurso que são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Havendo tal estabilidade, o falante reconhece algumas características que irão fazê-lo utilizar determinado gênero e não outro, em algumas circunstâncias comunicativas, de acordo com a finalidade da situação de comunicação.

Esse reconhecimento também é importante para que ele compreenda o texto lido e que, a partir disso, signifique-o de uma determinada forma e o relacione a um gênero específico e às suas características. Isso pode levar o leitor a uma expectativa de leitura.

Se o leitor reconhece, por exemplo, uma obra literária e consegue identificá-la como pertencente a um determinado gênero, ele pode criar expectativas do que será significado por meio de sua leitura, levando-o, conseqüentemente, ao sentido.

A leitura de crônicas atuais, realizada por leitores avisados sobre suas possíveis características, pode levá-los a significar essas obras a partir dessas propriedades. Assim, se ele entende que uma crônica pode conter o tom irônico e humorado sobre os fatos ali elencados pelo autor, já inicia a leitura procurando o possível prazer que tal acontecimento pode ocasionar.

Os recursos estilísticos, isto é, os recursos da língua utilizados de forma particular pelo produtor do texto, podem produzir, também, efeitos particulares no leitor.

² Não se pretende, neste trabalho, aprofundar teorias sobre humor, sobre o cômico e sobre o riso, mas tão somente falar sucintamente do prazer que desencadeiam.

É comum tal trabalho estilístico realizado pelo autor de crônicas, como o objetivo de fazer o leitor se deleitar, a partir, geralmente, de uma visão crítica apresentada sobre os fatos narrados. Como nesse gênero textual é possível o tom de ironia ou de humor sobre algum aspecto da vida social e cotidiana, tal tom, às vezes é alcançado por meio, justamente, dos expedientes linguísticos utilizados para essa finalidade.

A narrativa bem-humorada sobre um determinado fato do cotidiano – que muitas vezes é comum na vida do leitor –, com uma linguagem quase sempre descontraída, tem a possibilidade de levar o mesmo a ter prazer na leitura de textos desse gênero. Lendo os fatos narrados de forma agradável na crônica, ele pode interagir e se identificar com o que lê. A leitura de uma crônica é, assim, envolvente, e aproxima o leitor do autor, podendo haver, a partir dela, diálogo mais pessoal entre ambos.

Essas peculiaridades atuais da crônica, gênero que sofreu alterações ao longo do tempo em que foi produzido, são elencadas por diversos estudiosos, inclusive, algumas são citadas por escritores renomados, como é o caso de Vinicius de Moraes.

A respeito do que analisa Vinicius de Moraes sobre o próprio fazer do cronista na construção de crônicas, Becker (2013, p. 15) comenta:

ela nasce de um “fato qualquer”, retirado, quiçá, do próprio jornal. Eis o cotidiano, que será escrito e registrado por meio de uma linguagem prosaica, marcada pela simplicidade, algo sintetizado como a “conversa fiada” – da qual, muitas vezes, emerge a dialogia, estabelecendo até mesmo textualmente uma interlocução com o leitor.

Essa relação com o cotidiano, a descontração e o diálogo que a crônica consegue provocar podem ser uns dos responsáveis pelo prazer sentido pelo leitor. Tudo isso também apresentado e elaborado no modo como o autor produz o texto, ou seja, no *modus faciendi* ou o estilo individual.

Tendo esse prazer pela leitura, o leitor pode ficar mais suscetível a aprender e apreender, entre outros conhecimentos, os linguísticos. O deleite, a fruição do texto, conquistados pela leitura, facilitariam, assim, o processo de ensino e de aprendizagem da língua materna.

As crônicas, de modo geral, e as de João Ubaldo Ribeiro, em específico, estariam, desse modo, por meio do discurso literário empregado pelo autor, a serviço do humor e, por conseguinte, do aprendizado prazeroso de língua.

Nas crônicas do escritor, é comum encontrarmos recursos linguísticos que conduzem o leitor a se deleitar e, em muitas vezes, a fazer uma leitura diversa de fatos cotidianos. As escolhas feitas por ele, para empregar o caráter humorístico e irônico, são conscientemente trabalhadas de forma a levar o leitor a tal encanto, pois o escritor, de acordo com conjecturas de Bakhtin (2011, p. 315) “é aquele que sabe trabalhar a língua estando fora dela, aquele que tem o dom de falar indireto”, isto é, ele a faz de instrumento para efetivar a intenção significativa de seu discurso. Assim, indiretamente, ele tece as teias textuais sob as quais estão engendradas e inculcadas todas as intenções discursivas.

Desse modo, quando Ubaldo escolhe um determinado item lexical, uma determinada construção fraseológica, uma específica arrumação de estrutura sintática, por exemplo, ele pode introduzir tais mecanismos de construção, com intenções previamente bem delineadas.

A significação dada ao texto através dessas escolhas e as construções proposituais podem levar a intenções como a de provocar no leitor o riso, por exemplo, e este pode, às vezes, levá-lo ao prazer.

O trabalho com crônicas, como as de João Ubaldo Ribeiro, além de proporcionar um contato com o texto literário para a sua fruição e com o material utilizado para sua produção – que é a própria língua – pode possibilitar ao discente um aprendizado mais prazeroso e até certo ponto lúdico.³

A partir do contato com um material que lhe proporcione o riso, o aluno pode ser conduzido de forma mais agradável ao conhecimento, já que, desse modo, ele terá condições de entender a realidade não apenas pelo caminho do sério. Assim também, por vias do contato com o humor das crônicas, o trabalho com esse material pode levar o educando a fazer uma avaliação mais crítica do que está a sua volta, do outro e de si mesmo. Entendemos que esse caminho para o aprendizado favorecerá não somente o conhecimento e um contato maior com a língua, mas, também, tornar-se-á mais produtivo e eficaz, pelo prazer experimentado e, entre outros aspectos, pode também educar. Assim observamos nas proposições de Santos (2012, p. 174): “Através do riso podemos enxergar a realidade de outra maneira e chegar à verdade do mundo pelo caminho autorizado do não sério. O riso também pode ser crítico, punitivo, instrumento de humilhação, controlador dos excessos.” Vemos que o riso, além de coercitivo, na concepção bergsoniana, pode, a nosso ver, adquirir um caráter educativo.

³ Cabe dizer que, conforme afirma Huizinga, “as grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo”. Acrescenta, ainda, que “a criatividade nasce do ato lúdico e vive no domínio da imaginação. É através da transformação da realidade em imagens que o homem cria a linguagem da arte e produz cultura” (HUIZINGA, 1971, pp. 7 e 75).

Jogando com os diversos planos de sentido, através da elaboração de frases originais e formação de palavras, entre outros expedientes, o discurso humorístico presente nas crônicas “brinca” com os recursos existentes no sistema linguístico, para conseguir o objetivo de dar graça, inclusive, ao que não tem na realidade. Isso pode ocasionar o prazer, a partir de um olhar diferente para situações que *a priori* não seriam engraçadas.

João Ubaldo faz isso em suas crônicas. Ele consegue usar a língua para jogar, ademais, com temáticas que não são muito agradáveis para a sociedade e para ele próprio, às vezes.

O uso de manipulação do significado, com formação de novas palavras, com os jogos de palavras, com trocadilhos, hipérboles, ambiguidades, eruditismos, gírias, dentre outros usos linguísticos, são recursos usados pelo autor para conseguir brincar e, com isso, dar prazer a circunstâncias, às vezes, não agradáveis.

Ele próprio entende a força enraizada nas palavras e o poder que o indivíduo tem quando as domina. É sobre isso que fala Santos (2008, p. 14) a respeito do entendimento de Ubaldo em relação ao poder sobre as palavras: “a importância do domínio da palavra na construção da liberdade do homem é tema recorrente na obra ubaldina”, e completa, apontando ter também o escritor a consciência do texto literário como preservador da palavra:

João Ubaldo Ribeiro demonstra ter plena consciência da necessidade de preservação da palavra, pertença ela à modalidade escrita ou falada da língua, ou ao nível formal, coloquial, informal ou chulo por meio do texto literário. O importante é que ela exista como signo na intermediação do homem com o mundo. E o escritor precisa fazê-la emergir na memória do leitor (...). (SANTOS, 2008, p. 16).

Depreende-se, por meio de análise dessa reflexão, que o próprio Ubaldo compreende a importância do texto literário e da língua que o materializa, no uso que o homem faz de ambos na relação que estabelece com o mundo.

A partir dessas reflexões, faremos uma breve leitura de uma crônica do autor selecionada para nossas apreciações.

***Corpus* selecionado**

A seguir veremos a crônica *Do Diário de mamãe*, de João Ubaldo Ribeiro, e, depois, faremos uma pequena análise a respeito de alguns aspectos quanto à significação e à construção do texto.

Do diário de mamãe

Querido diário,

Hoje eu não ia escrever. Você sabe que eu sempre digo que não vou escrever nada na manhã do Dia das Mães, mas acabo mudando de ideia, acho que é um preparo psicológico importante. A análise não adiantou nada, só me forneceu algumas palavras para designar as minhas neuras, que por sinal agora atendem todas as vezes em que são chamadas por seus nomes freudianos. Antigamente, quando eu não as conhecia tão cientificamente, elas eram menos metidas, tinham pelo menos um certo pudor, não ficaram tão assim emergentes, minhas neuras hoje são umas peruas emergentes insuportáveis. Diário é muito melhor do que análise, não dá palpite nem fornece *status* à nossa maluquice. Aconselho.

Sim, querido, Dia das Mães novamente. O do ano passado parece que foi ontem. Ele, como sempre, está entusiasmadíssimo, é o rei do Dia das Mães. Aliás, é o rei de todos esses dias, porque sempre ganha presentes. Como hoje, por exemplo. Oficialmente, é o meu presente, claro. Ele acha que eu não sei, mas vi a nota de venda no bolso do paletó dele e a caixa mal disfarçada, meio escondida por trás das almofadas velhas, na prateleira de cima do armário do quarto. É uma filmadora de vídeo altamente avançada, dessas que exigem diploma de engenharia eletrônica para começar a operar e de que eu preciso tanto quanto de uma temporada de *camping* no Haiti. Ele sabe que eu não suporto máquinas, botões e luzinhas debochadas, mas vai me dar a filmadora. Vai botar na minha mão, vai me chamar de tecnófoba, dizer que eu vou acabar virando uma Spielberg, pegar o manual para ler tudo e me ensinar, tomar a máquina para o resto da vida e obrigar a família e os amigos a me assistir correndo de um caranguejo em Maceió, com close na celulite. Mas ele é assim, que é que se vai fazer, já nasceu assim. Até no Dia da Criança ele dá um jeito de receber um presente da mãe, preferivelmente ela pagando, mas, quando ela resiste, ele mesmo paga; acho que o sonho dele é morar no *free shop* e dar expediente diário em Miami. No ano passado, ele me deu um celular que eu nunca usei, não sei pra quê botar ainda mais uma coleira em mim — e adivinhe quem é que usa o celular.

Sim, e eu sou uma anormal. Não anormal de psicanalista, que todo mundo é, mas anormal mesmo, dessas de cinema americano de tevê de assinatura. Bem verdade que tenho minhas razões. Não há normalidade que resista a seis netos numa mesa de churrascaria. Agora são oito anos. É isso mesmo, Marcelinho, o mais velho, tem oito anos, tenho oito anos de avó e oito anos que ouço seiscentas vezes "agora é mãe duplamente, hein?" e tenho que responder com um risinho. Como dizia minha mãe, que eu agora compreendo muito melhor, é por essas e outras que eu não ando armada. E o Marcelinho, tudo bem, deixou de ser catarrento e de chutar e morder as pessoas. A Duda, mãe dele, é moderna e acha ótimo tudo o que ele faz, mas agora ele simplesmente chega à churrascaria, enche o pandulho de linguiça e picanha e não fala mais nada, deve ter um vocabulário de umas 15 palavras: grande Marcelinho, excelente neto. Mas os outros não, os outros eu sinceramente acho que deviam ser congelados até passarem da adolescência. Quando passassem, fazia-se o descongelamento. Se voltassem a manifestar o mesmo potencial infinito de enervar o próximo, novo congelamento até os 20. Aí, descongelava, mais encheção de saco, mais cinco anos de *freezer* e assim por diante.

É, devo ser anormal, mas não tem quem me faça acreditar que não haja muitas outras na mesma condição que eu. Admito que não estou de bom humor, mas é natural. As flores já começaram a chegar, vão acabar os jarros, acho que vou montar uma banquinha de florista na portaria, pelo menos assim eu me dou um presente razoável e amenizo os ímpetos homicidas que me atacam,

quando vejo nos comerciais de tevê o fogãozinho ideal para a mamãezinha. Felizmente eles já sabem disso, mas é bom sempre lembrar que eu pego a cabeça do infeliz que vier me dar um fogãozinho de presente de Dia das Mães, boto no forno e acendo. O mesmo, *modus in rebus*, com os dedos de quem me der liquidificador. Mas acho que não há risco. Ninguém tem grana e todo mundo se lembra do que eu fiz, no dia em que o **Marcito** me deu um descascador de batata de presente, até hoje ele deve ter trauma de batata. Você também teria, se passassem um descascador de batata no seu cabelo.

Estou pronta para a churrascaria e a família. Não que isso seja motivo para foguetes, mas vou poder ver o Leo novamente. Só vejo Leo entre espetos e uma vez por ano. Acho que, sem os espetos, o pão de queijo e as tulipas de chope, eu talvez tivesse dificuldade em reconhecê-lo. Olhando para minha cara, ninguém diz, mas eu sou mãe de um indivíduo que ficou careca e mandou fazer aquele trançadinho grotesco na careca e ainda pinta o resto de cabelo que tem e o bigode. E troca de mulher o tempo todo, ou elas o trocam, nunca sei bem. O que eu sei é que ele sempre aparece com uma diferente, sempre com nome estrangeiro, Ingrid, Shirley, Uta, umas coisas assim, todas sorridentes, empetecadas e dizendo que eu estou bem, estou muito bem, estou ótima — fico indignada, só se diz isto a velho, nem agradeço.

Estou pronta, querido Diário. Para não encherem o saco outra vez, fiz o cabelo e as unhas, vou usar a blusa nova (que eu comprei, com meu dinheiro) — estou bem, estou muito bem, estou ótima. Acho que este ano, aconselhada pela experiência, vou levar um livrinho para ler na fila da churrascaria e montar um sorriso permanente na cara, para todas as finalidades. Me olhou, eu estou lá com um sorriso. Longe de mim querer estragar a festa da família, que diriam eles aos amigos, se não pudessem contar que levaram mamãe e vovó para almoçar fora no Dia das Mães. Ser mãe, todo mundo sabe, é padecer num paraíso, se bem que ainda não me mostraram direito o paraíso. Mas cumpro o meu papel de centro da festa, sei o que se espera de mim, nunca falhei em meu dever, vou encarar esse almoço com coragem e serenidade. Só não garanto é me conter se o Leo resolver fazer discurso outra vez e me chamar de matriarca. Almoço sim, mas matriarca é a mãe.⁴

Na crônica em questão, Ubaldo - via desabafo de uma mãe ao seu diário, no dia das mães – faz uma ironia desse dia que tem significado especial no senso comum, invertendo o sentimento e o comportamento que são esperados de uma mãe e as ações de um filho.

Entre outras leituras que poderíamos fazer ao proceder a uma análise mais detalhada, podemos destacar, à guisa de um breve olhar conferido ao texto, o fato de o autor utilizar acontecimentos recorrentes no dia destinado a comemorar e a agradecer às mães, como o de presenteá-las, de dar flores a elas, de sair para almoçar fora com elas, de a mãe ter de se arrumar com mais cuidado, de colocar roupa nova, de ver a família toda unida etc.

4 Texto extraído do livro "O Conselheiro Come", Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 2000, pág. 166. Disponível em : <http://www.releituras.com/joaoubaldo_diariomamae.asp> Acesso em 20 de mar de 2017.

Tais acontecimentos, em uma primeira instância, deveriam ser tomados como prazerosos, mas, ao contrário, são narrados, na crônica, pela personagem principal – a mãe que desabafa com o seu diário – como entediantes e, realmente, desanimadores.

Uma leitura aceitável seria a crítica de ser esse um dia mais comercial do que sentimental; de ser um dia em que muitas famílias apresentam a aparência de um grupo familiar unido, mas, na verdade, só se encontram naquela época do ano; de as mães serem presenteadas (e amadas) de modo às avessas, ou seja, como os filhos entendem que devem ser, mas, de fato, quando as expectativas maternas são outras; e assim por diante.

Sobre possíveis diálogos e identificações que possam ser feitos pelo leitor dessa crônica, podemos destacar uma experimentação diversa do que se esperaria em um dia como esse destinado a comemorações. O leitor, imbuído de conhecimentos a respeito do teor de uma crônica, em especial, de uma crônica que possa apresentar ironicamente e com humor um fato comum na sua vida, pode criar uma expectativa diferente sobre uma história referente a tal dia.

Ele pode não se identificar com a história narrada, por gostar, de fato, de tais comemorações. Contudo, pode se deleitar com a desconstrução efetivada pelo autor, por meio de representações às avessas do que deveria ser sentimental e sensível e, desse modo, rir da forma estigmatizada e, portanto, engraçada, do olhar sobre acontecimentos peculiares, presentes quase sempre, no cotidiano das pessoas no Dia das Mães. Sendo assim, ele tem a possibilidade de se divertir livre de pensamentos mais profundos, somente pelo prazer da diversão, mas, por outro lado, pode refletir sobre aspectos concernentes à nossa sociedade, como a hipocrisia humana, por exemplo.

O leitor pode, ainda, identificar-se com tais circunstâncias, na forma como são narradas, entendendo-as como consoantes com seu sentimento diante de peculiaridades do dia das mães. E, assim, divertir-se do mesmo jeito, por encontrar, em outras pessoas, paralelos com suas impressões que estão colocadas no texto diretamente. Por conseguinte, pode, pelo riso, conseguir avaliar criticamente situações como as narradas, enxergando o real de outro modo, pelo prazer experimentado, e vendo graça em um tema que, para ele, não teria, como as convenções sociais estipuladas para o Dia das Mães.

No que diz respeito a expedientes linguísticos usados pelo autor para dar um tom irônico ao texto, entre tantos outros, podemos destacar a expressão “*free shop*” e o nome próprio “Marcito”, como exemplos de neologismos:

- A expressão “*Free shop*”

A expressão “*Free shop*”, assim como outras utilizadas na crônica, é um empréstimo do idioma inglês já incorporado à Língua Portuguesa em determinados contextos, ou seja, já é bastante conhecida e usada em alguns ambientes, como entre pessoas que viajam para o exterior. Essa expressão é utilizada, literalmente, como na língua doadora, não havendo adaptações. A esse tipo de estrangeirismo Azeredo (2014) chama de “xenismo”.

No texto, o autor, com esse uso consciente do empréstimo, parece querer enfatizar o perfil do personagem, ironizando o fato de que ele dá presentes bastante tecnológicos, pensando mais nele próprio do que no presenteado, inclusive, no Dia das Mães.

- A palavra “Marcito”

Tal termo é inserido em um contexto em que a mãe reclama de um dos presentes dados pelos filhos no Dia das Mães e cita o episódio em que recebeu um descascador de batatas.

A palavra “Marcito”, no que podemos inferir, é uma criação vocabular/formal com a qual se pretende criar um novo significante com um novo significado e que teria a intenção de ironizar a pessoa que, possivelmente, chama-se Márcio, diminuindo a ação do presentear ou, até mesmo, diminuindo a própria pessoa pelo ato. Foi, assim, acrescido ao radical do nome próprio Márcio, o sufixo “ito”, que, nesse caso, teria o significado de diminutivo.

Em termos de apreciação feita sobre a crônica em questão, interrompemos, agora, as nossas análises. Essas foram apenas algumas propostas para análise do texto, muito em virtude do tempo e do espaço que tivemos para analisar, mas consideramos que tais proposições possam ser eficazes e relevantes para a interação do aluno com o texto e com a língua que o realiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rir, sentir prazer e se deleitar a partir do humor presente nas crônicas e, também, por todo entendimento, compreensão e possibilidades de interpretação que o texto literário tem a capacidade de provocar, pode conduzir o aluno a compreender o próprio sistema linguístico utilizado como meio de materialização do discurso no texto.

O aluno pode assimilar melhor, pela compreensão prazerosa, algumas peculiaridades linguísticas da língua portuguesa. Passará, então, a ter a possibilidade de, consciente ou inconscientemente, perceber, por exemplo, as construções estilísticas realizadas, como nas

diversas formações de palavras; as nuances irônicas provocadas por trocadilhos, duplos sentidos; as intenções do autor por detrás da superfície do texto etc. – sentindo e compreendendo, com isso, a riqueza da língua.

A utilização de textos literários na formação do aluno e no aprendizado de língua materna é, assim, essencial para a análise de conteúdos como os semânticos e os estilísticos presentes na língua, quando esta materializa o discurso.

Portanto, entendemos o uso do gênero crônica – em específico a humorística –, como sendo produtivo para a formação do aluno, em um sentido mais amplo de conhecimento de mundo e, além disso, para a compreensão, conhecimento, maior interesse e maior facilidade no aprendizado e na utilização prática da língua materna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Estética da criação verbal*. Introdução e Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BECKER, Caroline Valada. *A crônica e suas molduras, um estudo genológico*. In Revista Estação Literária. PUCRS. Londrina, Vol. 11, pp. 10-26, jul. 2013. Disponível em <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art1.pdf>>.

BERGSON, Henry. *O Riso*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUEDES, Paulo Coimbra. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

SANTOS, Denise Salim. *Tradição e transgressão: um estudo do vocabulário em O feitiço da ilha do Pavão*. Tese de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação, Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <www.dominiopublico.gov.br>.

Recebido em: 20/08/18

Aceito em: 28/08/18